

Nota de investigação sobre a Marquesa de Alorna (1750-1839) e o Brasil

VANDA ANASTÁCIO

Universidade de Lisboa
Lisboa – Portugal



Limitar-me-ei a apresentar aqui em traços muito gerais algumas linhas de pesquisa que tenho vindo a desenvolver no âmbito do estudo das relações luso-brasileiras. Num trabalho apresentado no último colóquio organizado sobre o tema, no âmbito deste projecto, apresentei as conclusões a que me levou o estudo das trajectórias de um número significativo de poetas que circularam entre os territórios de Portugal e Brasil na segunda metade do século XVIII. A conclusão a que então cheguei pode resumir-se em dois pontos essenciais:

Primeiro ponto: A preocupação em construir o “edifício da literatura nacional” a que se assistiu em Portugal e no Brasil a partir da década de 1830 distorceu a compreensão do modo como as pessoas, os textos e as ideias circularam entre os dois territórios, muito especialmente entre 1750 e 1822 (ou 1825, se quisermos ter em conta que só nesta última data Portugal reconheceu a independência do Brasil).

Segundo ponto: de acordo com historiadores como Beatriz Nizza da Silva (1999), Guilherme Pereira das Neves (2007) e outros, faz sentido estudar os fenómenos culturais ocorridos em Portugal e no Brasil anteriores às primeiras décadas do século XIX a partir de uma lógica de constituição de um espaço cultural comum, contíguo ao espaço europeu e em permanente diálogo com este.

Se, numa primeira fase da investigação eu perguntara o que poderiam ter significado quer o Brasil, quer Portugal, para aqueles que circularam por ambos os territórios (por exemplo, para os nascidos no Brasil que iam estudar em Coimbra, ou para os nascidos em Portugal que atravessavam o Atlântico para ir desempenhar cargos administrativos na América portuguesa), ultimamente, o estudo de documentos do período que medeia entre 1750 e 1822, conduziu-me a formular uma outra pergunta, de certo modo oposta a esta, ou seja: Que importância pode ter tido o Brasil para os homens e mulheres nascidos em Portugal na segunda metade do séc. XVIII, que nunca atravessaram o Atlântico?

Uma vez que tenho estado a preparar a edição crítica da correspondência de D. Leonor de Almeida Portugal, a Marquesa de Alorna, uma escritora que, tendo nascido em

1750 e falecido em 1839, nunca saiu do espaço europeu, comecei por interrogar nesse sentido o *corpus* das cartas escritas por esta autora ao pai e a D. Teresa de Mello Breyner, Condessa do Vimieiro, durante o período em que D. Leonor esteve encerrada no convento de Chelas, com o objectivo de recuperar indícios dessa circulação de autores, de textos e de ideias, passíveis de contribuir para responder a esta questão.¹

Tendo em conta que o que aqui apresento é apenas uma brevíssima nota de investigação, mencionarei apenas um desses indícios, indicando algumas das conclusões que sugere.

A referência mais antiga ao Brasil que pude localizar na correspondência de D. Leonor de Almeida é o comentário incluído numa carta enviada à Condessa do Vimeiro no ano de 1771. Data, pois, do período em que a futura 4^o Marquesa de Alorna se encontrava encerrada no convento de Chelas, em Lisboa. Como se sabe, ali permaneceu durante 18 anos, entre 1759 e 1777, juntamente com a mãe e a irmã, como punição por um crime de lesa-majestade atribuído a seus avós, os Marqueses de Távora.²

No verão de 1770, quando D. Leonor tinha quase 20 anos, foi contactada por D. Teresa de Melo Breyner, Condessa do Vimieiro. Esta senhora, que ainda era aparentada com a família Távora, que era casada, e onze anos mais velha que a jovem Alorna, interessava-se por poesia, e as suas obras circulavam em manuscrito, sob diversos pseudónimos, nos círculos de literatos da Lisboa do tempo. Da leitura da correspondência trocada entre ambas percebe-se que a Condessa escreveu a D. Leonor movida pela admiração que lhe suscitaram as composições desta, que circulavam, também, fora dos

¹ Um primeiro volume de correspondência da Marquesa de Alorna foi já publicado (Anastácio 2007).

² Sobre o Processo movido à família Távora veja-se Azevedo 1921; Gil 1978; Gomes 1974; Neves 1983 (três textos no mesmo livro); Santos 1979; e Conde de Tovar (1932). “Para a última instância do Processo dos Távoras”, *História*, Lisboa. Para uma biografia actualizada, ainda que não definitiva da Marquesa de Alorna, veja-se Anastácio, “Introdução” 2007. Abordagens recentes da trajectória e da obra de D. Leonor de Almeida Portugal encontram-se em Anastácio 2009.

muros conventuais³. D. Teresa acabou por se tornar a visita mais assídua das três senhoras Alornas e um dos destinatários principais das cartas de D. Leonor.

Na correspondência entre as duas amigas, são frequentes as referências a autores e a obras, os comentários a leituras feitas, os conselhos acerca de questões de poética e de estilo, e as opiniões que deixam transparecer, de modo mais ou menos claro, as suas posições políticas. É assim que, na carta aludida acima, datada de “Chelas, 25 de Fevereiro de 1771” D. Leonor de Almeida afirma o seguinte:

Naturalmente Hás-de conhecer o Cláudio, o Quita e as primeiras obras do Matos [*João Xavier de Matos (1730-1789)*]. Gostaria de ver o que julgas desta gente, não disgesto de algumas coisas dos dois últimos, o outro parece-me um Pobre rapsodista que (se me é permitido dizê-lo) bebeu e vomitou algumas passagens do Metastasio, e do Guarino, será isto assim? (“Carta 5. Lília a Tirse” Chelas, 25 de Fevereiro de 1771, *apud* Anastácio, *Cartas de Lília a Tirse (1771-1777)*, 2007: 16)

Além desta menção ao “Cláudio” ou seja, a Cláudio Manuel da Costa, encontramos, na mesma carta, outra referência a um autor nascido no Brasil, mais concretamente a José Basílio da Gama, e ao seu poema épico *Uraguay*, publicado em 1769 e dedicado a Gomes Freire de Andrade, 1º Conde de Bobadela, Governador e Capitão-mor do Rio de Janeiro por mais de 20 anos, e comandante das tropas portuguesas na guerra guaranítica, escrevendo:

Lá verias, certamente, um poema feito por um José não sei de quê, o herói era o Gomes freire. Lembra-me que quem achou feliz Aquiles por ter um Homero que cantasse as suas acções, se conhecesse o Pobre Herói deste Poema, que lástima teria! Contudo, fez uma bulha em Lisboa que por muito tempo não se falou de outra coisa (e até estas freiras andaram aturdidas), porém, ou eu não intendo nada, ou o homem é um pedante ignorantíssimo que não viu nunca as regras do Poema Épico, nem talvez sabe o que isso quer dizer, teve propícia a Sorte [*sublinhado no original*] e assim como se passam Decretos de demência teve sentença de juízo de Poesia e d’arte pelo seu sustento, ainda que tudo apesar de *Mme la Nature*. (Idem: 17)

Estes breves excertos merecem a nossa atenção. Por um lado, fornecem indicações relevantes sobre a circulação e o consumo dos textos mencionados: as obras de Cláudio Manuel da Costa e de José Basílio da

Gama, nascidos no Brasil e considerados “brasileiros” pela historiografia literária dos séculos XIX e XX, são mencionados por uma leitora contemporânea em conjunto com as dos lisboetas Domingos dos Reis Quita e João Xavier de Matos. Esta leitora colocado todos ao mesmo nível, testemunhando ao vivo, que os públicos a que se dirigem e os círculos em que as obras dos “brasilienses” foram acolhidas, lidas e comentadas eram os mesmos em que eram lidos e comentados os autores nascidos em Portugal.

Por outro lado, as opiniões proferidas pela Marquesa sobre as obras dos poetas nascidos no Brasil são significativas. Quando afirma sobre Cláudio Manuel da Costa que lhe parece tratar-se “de um Pobre rapsodista que [...] bebeu e vomitou algumas passagens do Metastasio, e do Guarino”, D. Leonor está a depreciar um traço que havia sido, precisamente, um dos critérios de valorização positiva dos autores da geração nascida durante o reinado de D. João V: os traços italianizantes e a preferência pelos modelos poéticos italianos, que haviam sido muito difundidos, em parte, graças à proximidade dos poetas desta geração com a *Arcádia* de Roma, (que foi, como se sabe, patrocinada desde 1717 por aquele monarca). Mais do que um comentário desagradável, o que parece estar implícito na observação da jovem autora é a associação da poesia de Cláudio com modelos que considerava antiquados e ultrapassados pela voga que entretanto haviam adquirido os modelos e autores franceses.

Especialmente ilustrativa do modo ideologicamente motivado como D. Leonor leu as obras destes dois autores é a observação que faz sobre José Basílio da Gama, um homem que se havia tornado, graças ao perdão da sentença de desterro que obtivera junto de Sebastião José de Carvalho e Melo em 1768, num entusiasta da política deste. Ora, a proximidade de Basílio da Gama com Pombal, a quem D. Leonor considerava como o “carrasco” da sua família e a quem responsabilizava pela situação dramática em que se encontrava, não o tornava simpático aos seus olhos. O seu comentário dá testemunho da repercussão considerável que a obra teve no momento da sua publicação na sociedade lisboeta – e neste sentido fornece ao historiador um dado precioso acerca da recepção da obra (diz: “fez uma bulha em Lisboa que por muito tempo não se falou de outra coisa (e até estas freiras andaram aturdidas)”).

A leitura atenta das apreciações de D. Leonor parece revelar que esta foi sobretudo sensível ao carácter politicamente enfeudado desse texto. Ao escrever que Basílio “teve propícia a Sorte”, sublinhando com um traço esta palavra, a jovem parece indicar um nome (o de Sebastião José de Carvalho e Melo) que poderia ter sido escrito em lugar da palavra sublinhada. Como se observa, segundo a jovem, o “mérito” do *Uraguay* foi imposto ao

³ Vejam-se os estudos introdutórios de Teresa Sousa de Almeida, Raquel Bello Vazquez e Vanda Anastácio na obra Anastácio (org.) 2007 *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*.

público *como um Decreto*, por aqueles de quem o poeta dependia para “seu sustento”.

Para terminar, gostaria de sublinhar que, como este pequeníssimo exemplo ilustra, o Brasil esteve sempre presente, de modo mais directo ou mais indirecto, na vida cultural do Império português da segunda metade do século XVIII e inícios do século XIX; que a elite culta dessa época cresceu num mundo em que Portugal e Brasil eram, não apenas uma unidade política, mas um espaço de referências culturais comuns, marcado não só pelos mesmos modelos educativos e pela mesma formação académica, mas, também, por leituras comuns, pela frequência dos mesmos círculos sociais e pela partilha das mesmas redes clientelares. Assim sendo, nesta fase das investigações, a resposta à questão sobre a importância que poderá ter tido o Brasil para os nascidos em Portugal que nunca atravessaram o Atlântico, parece ser a de que aqueles que nunca atravessaram o Atlântico não poderiam, nem teriam sabido, viver sem o Brasil.

Referências

- ANASTÁCIO, Vanda Anastácio (Org.). *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*. Organização e fixação do texto de Vanda Anastácio; estudos introdutórios de Teresa Almeida, Vanda Anastácio e Raquel Bello Vazquez; anotação de Teresa Almeida, Vanda Anastácio, Manuella Delille, João Almeida Flor, Tiago Miranda, Raquel Bello Vazquez, Nuno Monteiro. Lisboa: Colibri/Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2007.
- ANASTÁCIO, Vanda. Introdução. In: Marquesa de Alorna. *Sonetos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 11-46.
- ANASTÁCIO, Vanda. *A Marquesa de Alorna (1750-1839). Estudos*. Lisboa: Prefácio Editores, 2009.
- AZEVEDO, Pedro de. *O Processo dos Távoras*. Com prefácio e anotações. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1921.
- GIL, A. Pedro. *O Processo dos Távoras*. Lisboa: Amigos do Livro, 1978.
- GOMES, Manuel João (Ed.). *O Processo dos Távoras: a expulsão dos Jesuítas*. Lisboa: Fernando Ribeiro de Melo, 1974.
- NEVES, Guilherme Pereira das. Em Busca de um ilustrado: Miguel António de Melo (1766-1836). In: *Convergência Lusíada* [Rio de Janeiro], Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, n. 24, p. 25-41, 2º semestre 2007.
- NEVES, José Cassiano. O Marquês de Pombal e o atentado contra D. José. In: *Miscelânea Curiosa*. Lisboa: s.n. [Tipografia Guerra, Viseu], 1983. p. 29-41.
- NEVES, José Cassiano. Lisboa e a tragédia dos Távoras. In: *Miscelânea Curiosa*. Lisboa: s.n. [Tipografia Guerra, Viseu], 1983. p. 103-120.
- NEVES, José Cassiano. O Marquês de Pombal. In: *Miscelânea Curiosa*. Lisboa: s.n. [Tipografia Guerra, Viseu], 1983. p. 121-137.
- SANTOS, Guilherme de Oliveira. *O Processo dos Távoras: importância do processo revisório*. Lisboa: Livraria Portugal, 1979.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A Cultura Luso-Brasileira. Da reforma da Universidade à Independência do Brasil*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

Recebido: 15 de maio de 2011
Aprovado: 13 de julho de 2011